O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

ANO 41.º | Sábado, 11 de Setembro de 1948 | N.º 2061

VISADO PELA CENSURA

Redacção e Administração
Rua de Santa Joana, 35
Comp. e imp.—IMP. UNIVERSAL-AVEIRO
R. Combatentes da G. Guerra—Telef. 125

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto *Agência Havas*

HEROIS DO MAR...

A INDÓMITA CORAGEM DE UM HOMEM QUE GLORIFICA A NOSSA TERRA

José Rabumba ("O Aveiro") mais uma vez consagrado pela sua bravura

Foi há 25 anos que no edifício do Posto Marítimo de Desinfecção, festivamente engalanado, assistimos, em Leixões, a uma sessão solene, presidida pelo almirante sr. Hipácio de Brion, inspector do Instituto de Socorros a Náufragos, representando o sr. Ministro da Marinha, durante a qual fôra agraciado pelo Govêrno da República com o colar de Cavaleiro da Ordem Militar da Tôrre e Espada, de Valor, Lealdade e Mérito, o cabo de mar de 1.ª classe, nosso conterrâneo, José Rabumba, como justa recompensa do importante e relevantíssimo serviço que prestou no dia 3 de Fevereiro de 1922, salvando com risco da própria vida e da guarnição do aludido salva-vidas, os tripulantes do lugre-escuna *Feliz*, que corriam grande risco de perecer devido ao temporal daquele dia tenebroso. Já então lhe esmaltavam o peito nove medalhas de prata e três de ouro, sendo a principal francesa, com que êle se apresentou a receber a mais alta condecoração do seu país. Houve discursos, em que se salientaram os srs. dr. Martins de Almeida, dr. Leonardo Coimbra e o dr. Lourenço Peixinho, então presidente da Câmara de Aveiro, leu uma mensagem, fechando a série o dr. Joaquim de Melo Freitas, que chegára assudado, quási no fim, por atrazo do carro, e num repto de verdadeira eloquência acabou, entre calorosas palmas, por pedir para si a benção do *patrão Aveiro*.

* * *

Decorreu um quarto de século. José Rabumba ainda é vivo e deve ter agora 82 anos. Aposentado pelo Ministério da Marinha das modestas funções que desempenhou, ficando a residir com a família em Matozinhos, onde criara amizades e dedicações, levou esta vila a efeito, no domingo, uma sessão de homenagem ao velho lobo do mar, que se realizou na séde da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários e como aquela a que aludimos em primeiro lugar foi também assistida de muitos aveirenses que ali se deslocaram propositadamente para êsse fim. Embora tivessemos tudo preparado não nos foi, porém, possível acompanha-los e por isso passâmos a respigar dos jornais do Porto as reportagens neles insertas e que igualmente constituem uma honra e dignificam a nossa terra. Assim, *O Primeiro de Janeiro*, diz:

«Êste José Rabumba, nascido e criado num lar humilde da antiga e típica rua das Barcas, em Aveiro, ficará para sempre como admirável exemplo de serenidade heroica, como

JOSÉ RABUMBA

um símbolo perfeito dum verdadeiro benemérito da Humanidade. A sua longa e valiosa fôlha de serviços, como salvador de centenas de vidas em dezenas e dezenas de naufrágios, confere-lhe o mais honroso título de nobreza moral que um homem poderá ambicionar, situando-o a par daqueles ínclitos e assinalados varões que, por seus feitos de estoica abnegação e de solidariedade humana, inspiram a legenda imortal do cântico da nossa pátria: *Herois do mar, nobre povo...*

Apelidando-se, antonomàsticamente, com o próprio nome da cidade que lhe serviu de berço, José Rabumba, o *Aveiro* conta agora 82 anos de idade. Não obstante ser já octogenário, mantém ainda um aprumado vigor físico, mas o seu rosto, curtido pelos ardores do sol, pela aragem marítima e pelos vendavais de medonhas tormentas, *pergaminhou-se* em expressões de voluntariosa austeridade — como a daqueles mareantes que Nuno Gonçalves retratou para o *Painel do Infante* do seu tríptico famoso. Não se envaideceu nunca com as diversas e honrosas condecorações, nacionais e estrangeiras, que esmaltam a sua honrada farda de antigo patrão do salva-vidas de Leixões— de entre as quais se destaca, como bem merecido prémio por seus gloriosos feitos, o colar da Tôrre Espada. Caprichou sempre em identificar-se com a humílima condição social ao seu nascimento: um homem do povo, em cujo coração palpitavam os mais belos sentimentos de altruística generosidade e cuja alma se afeiçoava no fervor constante de cristianíssimas virtudes. Deste modo, deu-se inteiramente ao seu semelhante, não hesitando sequer em arriscar a sua própria vida para libertar das garras da Morte centenas e centenas de pessoas que se encontravam em perigo sôbre as águas do mar. Embora não esquecendo nunca a cidade onde nascera, José Rabumba considerou, de há muito, Matosinhos como sua terra adoptiva. Fora ali, como patrão do salva-vidas, que êle *vivera bem a seu modo*, comandando um grupo de homens da sua igualha e da sua têmpera—que, sem temor e desejando apenas cumprir o seu humanitário dever, se comportaram sempre briosamente. E se Aveiro consagrou há tempo, publicamente, êsse seu filho, tão humilde como glorioso, dando seu nome à típica Rua das Barcas, a Câmara Municipal daquela vila, na sua última reunião, conferiu a José Rabumba o título de matosinhense, devendo, mais tarde, erigir-lhe um monumento na formosa praia de Leça, à beirinha do que ali perpetuará também a memória de António Nobre—o romântico e enternecido cantor das pitorescas margens do *Rio Doce*, o meigo e delicado poeta dos pescadores e mareantes...»

Por sua vez, *O Comércio do Porto*, descreveu, na segunda-feira, assim a eloquente homenagem:

«No quartel da Sociedade Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Matosinhos-Leça, realizou-se ontem, de tarde, significativa homenagem ao heroico «lobo do mar» José Rabumba, *o Aveiro*, que salvou, em meio século de actividade, cerca de trezentos náufragos. A homenagem—que se deve à iniciativa do Posto de Socorros a Náufragos de Matosinhos e ao capitão do porto de Leixões—assumiu foros de eloquente consagração, estando presentes ou fazendo-se representar as entidades oficiais do distrito, a cidade de Aveiro, donde José Rabumba é natural, dezenas de colectividades de diversas localidades do país e categorizadas individualidades da Armada. E para que tão justa consagração tivesse carácter nitidamente oficial, o sr. ministro da Marinha fez-se representar pelo seu chefe de gabinete, sr. comandante Celestino Ramos.

José Rabumba nasceu em Aveiro, na freguesia da Senhora da Glória, a 24 de Fevereiro de 1866. Conta 82 anos. E' alto, forte, tem o rosto crestado pelo sol e reside numa casa modesta na rua dos Herois de Africa, 145, com vistas para o mar, na aprazível e luminosa Leça da Palmeira tão admirada e cantada pelo enternecedor poeta António Nobre. Filho do marítimo aveirense Manuel Rabumba, que chegou a comandar navios de cabotagem, êle pertence—por imperativo do coração e por direito adquirido durante anos consecutivos de luta ao serviço da humanidade

(Continua na 2.ª página)

EXAGEROS DE VELOCIDADE

—o—

Os constantes desastres que se estão registando a cada passo força-nos a, mais uma vez, pedir providências contra os excessos dos motoristas, alguns dos quais atravessam a cidade em loucas correrias.

E' demais. E o que às vezes se observa na parte mais estreita da passagem pela Rua Direita, chega a arripiar.

A polícia deve receber ordens que proibam o trânsito como está sendo permitido. Não pode ser nem se deve consentir que continuem tais abusos.

Em nome dos interesses da população protestamos contra o perigo.

As obras do Govêrno Civil

Só estarão concluidas no fim do ano que vem e custam 2.533 contos, importância pela qual foram adjudicadas.

PARA ONDE A ÁGUA?

Os remilhões de metros cúbicos que se disse estarem reservados para a população de Aveiro, presente e futura, já se esgotaram, por várias vezes até à última gota na casa que habitamos. Nem para lavar as mãos às horas das refeições quanto mais para o resto.

Como se entende isto?

Ai, as mulheres...

Dizem do Porto para um colega:

Ultimamente, a polícia tem desenvolvido certa actividade na repressão aos malcriados, para evitar desmandos de linguagem e o hábito de dirigir graçolas ao sexo frágil.

Nalguns casos o pedido de intervenção da polícia é bastante discutivel; senão vejamos êste exemplo:

A costureira Antónia de Oliveira Fragoso, moradora na rua Coelho Neto, 12, 2.º, reclamou a intervenção dum polícia, alegando que o comerciante sr. Eduardo Rodrigues de Freitas, da rua do Cunha, 495, se intrometera com ela, fazendo gestos com os lábios, como que a oferecer-lhe beijos.

O referido comerciante foi levado à esquadra e ali provou-se que aquele senhor acabava de sair de um consultório dentário, onde andava em tratamento, e que os gestos que fazia eram originados pelas dores que o mesmo tratamento havia provocado.

E vá-se um homem livrar duma coisa destas...

O Democrata vende-se no *Estanco Flaviense*, Rua dos Mercadores.

Outra vítima

O guarda de giro na Rua Direita era o 46, se não estamos em êrro, ou o 64, valha a verdade. Transitava sobre o passeio fatídico e transpunha, na altura, *A Madrilena*, novo estabelecimento de modas que fica pegado à Drogaria de Aveiro, antes de chegar à chapelaria que se lhe segue. Nisto ouve-se, em tom agudo, um ai feminino. O agente da autoridade estaca, volta-se mas não acode. Verifica apenas, que do pavimento é levantada uma mulher ferida, por outra que a acompanhava, que à porta dos estabelecimentos em volta assoma gente e que de algumas bôcas sai esta exclamação—*mais uma vítima!* E olhando para a função que desempenhamos de *polícia da nossa terra*, inquerimos, então, da origem do ai, dos motivos que o determinaram, das consequências resultantes. E vimos, além duma perna tôda pisada, o joelho ferido, com sangue, e a mão direita de Crisanta de Oliveira Marques, da Rua Aires Barbosa, também esfarrapada e pisada, a pedir tintura de arnica.

Já não têm conta as pessoas que no fatídico local registaram a sua passagem, beijando o chão. Não há maneira de se tomarem providências que evitem a continuação de tais desastres, a bem dizer diários.

A manteiga

Voltou a faltar nos estabelecimentos, sendo preciso formarem-se novas *bichas*, na Rua João Mendonça, para se adquirirem algumas gramas.

Ditosos tempos em que não existiam *palácios*, mas havia manteiga por todos os cantos da cidade.

Hoje é o que se vê, motivo por que apelamos para o sr. Ministro da Economia, que ainda há pouco fez declarações desassombradas, dizendo estar na disposição de enfrentar os gananciosos e exploradores do povo.

A êles, pois,—sem dó nem piedade!

Concerto no Jardim

A Banda da Companhia Voluntária S. P. Guilherme G. Fernandes toca hoje no coreto do Jardim Público, executando um reportório variado.

Está marcado o início do concerto para as 22 horas.

Resta saber se haverá luz...

FEIRA DAS CEBOLAS

Antigamente era só no fim deste mês que se realizava, mas agora já no dia 5 começaram a aparecer as primeiras, no Rossio, pelo que se nos afigura um pronuncio de abundância.

As donas de casa rejubilam.

Senhora das Dores de Verdemilho

Realiza-se hoje, amanhã e depois a tradicional romaria, que costuma atrair á quinta da ilustre família Lebre, em Verdemilho, milhares de forasteiros, alguns vindos de terras distantes.

Haverá iluminações, estão contratadas algumas bandas de música e será queimado vistoso fogo de artifício.

A falta de papel

Do *Notícias de Gouveia*:

«Tem sido notável a falta de papel, principalmente da qualidade que utilizamos para imprimir o *Notícias de Gouveia*. Por vezes temos de nos valer de amigos para conseguirmos o papel, porque, em caso contrário, vermo-nos forçados a suspender o nosso jornal.

Algum dele, além de ser caro, tem ainda o defeito de dar má impressão.

Quando terminará tal estado de coisas?»

Sim; quando terminará um tal estado de coisas?—também perguntamos.

A ver se conseguimos que nos seja entregue pela fábrica o que encomendámos há seis meses.

* * *

Por sua vez, o *Jornal de Albergaria*, diz:

Para que o *Jornal de Albergaria* saia semanalmente, somos obrigados a publicá-lo com duas páginas. De resto não somos os únicos. No distrito e por esse país fora, desaparecem uns, reduzem o número de páginas outros.

Dificuldades de toda a ordem e encargos financeiros asfixiam a chamada pequena imprensa.

E ainda de *O Figueirense*, transcrevemos:

Os jornais da província estão a passar uma hora má da sua existência, devido à falta de papel que se vem verificando há meses a esta parte.

Os fabricantes querem mais dinheiro pelo referido papel, e como até agora lhes não foi satisfeito este desejo, fabricam só o que lhes apetece—em pequenas quantidades, evidentemente—de modo que não chega para o consumo habitual.

Se esta situação se mantiver, teremos de suspender a publicação deste jornal, até que providências sejam tomadas por quem tanto tem possibilidades, porque só temos que nos submeter às condições em que nos colocam os magnates papeleiros, a quem, parece, não bastam as grandes fortunas que têm feito à sombra das crises que a maldita guerra provocou e parece continuar a provocar, a-pesar dos canhões já se terem calado há três anos...

Ficam prevenidos os nossos leitores:—se nestas semanas mais próximas o sr. Ministro da Economia não esclarecer este assunto, de modo que os jornais da província adquiram o papel de que necessitam, quando e aonde lhes apetecer, *O Figueirense* terá de suspender a sua publicação, porque não tem possibidades financeiras para ir ao mercado negro pagar por muito mais dinheiro o papel que lhe deve ser fornecido aos preços estabelecidos e que julgamos remuneradores para arranjar fortunas fabulosas, como nós as não arranjamos, pelo menos para terem lucro compensador, e portantanto honesto.

De há muito que é assim, invariavelmente.

Nós temos andado na vanguarda a gritar — *quem acode á Pequena Imprensa?*

Olhem. Vejam o que sucede.

Valerá a pena continuar?

Já?

Como estamos a aproximar-nos do Outono, começaram a refrescar as noites e as manhãs o que dará lugar a serem retirados talvez mais cêdo do *prêgo* os agasalhos. E de al-quem sabe? Também há rebates falsos...

Benemerência

De passagem por esta cidade cumprimentou-nos e teve a lembrança de nos deixar 20$00 destinados ao mealheiro dos pobres, o nosso assinante da capital, sr. João de Matos, a quem agradecemos a generosidade.

IMPRENSA

Ver e crer

Está distribuído e recebemos mais um número do excelente mensário *Ver e Crer*, que é, no seu género, a única publicação portuguesa e que, entre nós, criou um tipo com verdadeira categoria europeia, tanto pela variedade e categoria dos assuntos, como pelo nome dos autores que tem chamado a colaborar. Com excelente e moderna apresentação, *Ver e Crer* —fiel à sua insígnia de «cada assunto vale um livro»—é um repositório de leituras atractivas, onde sempre se colhe um ensinamento útil. A parte literária é muito bem cuidada, o mesmo se podendo dizer das ilustrações e das suas artísticas capas.

O Castanheirense

Associamo-nos ao luto deste colega de Castanheira-de-Pêra pela morte do seu director Adriano Coelho, que no vigor da existência—32 anos, apenas —sucumbiu aos estragos duma pertinaz doença.

Ficou a substitui-lo interinamente o sr. Ilídio José Coelho.

AVEIRO EM FOCO

—o—

O Club dos Galitos e a sua Secção Náutica foram, domingo, vivamente aclamados pelos triunfos alcançados no Porto, nos Campeonatos Nacionais de Remo em que participaram no Rio Douro.

Foi mais uma tarde de glória para Aveiro e uma lição para aqueles que ainda duvidavam do valor dos nossos remadores, que mais uma vez demonstraram a sua superioridade.

O Club dos Galitos está, pois, de parabéns, pelos resultados obtidos por êsse punhado de rapazes que formam as equipas de remo, que tanto se teem distinguido e que ainda há pouco actuaram com aprumo e brilho nas Olimpíadas.

Na mesma tarde também um aveirense, Acácio Agostinho da Costa, foi o vencedor, em natação, da prova *X Milha do Mar*, efectuada na Foz do Douro, batendo todos os outros competidores.

* * *

Os remadores aveirenses chegaram no combóio-correio, depois da meia noite, sendo recebidos, a-pesar-da hora tardia, com manifestações de regosijo, em que participou também um grupo da capital—*Os Galitos de Bom Porte*—que com um acordeon e outros instrumentos musicais, deu à recepção certo relevo, o que registamos com desvanecimento pelo gesto que tiveram, compartilhando da alegria de seus *irmãos*...

Uma vez no Club, o presidente da Direcção sr. José de Pinho, não escondendo o seu regosijo, saudou calorosamente os briosos aveirenses que, não deixando os seus créditos por mãos alheias, continuam a *cantar de galo*.

Os nossos parabéns.

A homenagem a José Rabumba "o Aveiro"

(Continuado da 1.ª página)

—a Matosinhos e à «Nobre e Sempre Leal Cidade Invicta», onde muitíssimas vezes se evidenciou e mereceu louvores e consagrações. José Rabumba prestou serviços na Marinha de Guerra, foi cabo de mar na Capitania de Leixões e patrão de vários salva-vidas. Agora, cansado, gasto, envelhecido, é uma relíquia gloriosa. Passa os dias a fazer pequenos trabalhos caseiros ou a olhar, saudosamente, as ondas que afagam a nossa costa com beijos de espuma, enquanto pensa: *Já estou pesado—vejo pouco—mas se fôr preciso ainda lá vou.*

Ao atingir a idade militar foi às *sortes*, as *sortes* atiram-no para a Armada e a Armada fê-lo 1.º marinheiro da corveta Sagres ancorada e apodrecida a impor respeito nas águas do Douro, próximo de Massarelos.

O ano de 1892 estava no fim. Houve festa e, na confusão de barcos a navegar junto da Corveta, caíu um corpo ao rio. De todas as bocas saíram palavras de desespero, e o Rabumba perante a indecisão dos circunstantes, atirou-se à água e mergulhou até encontrar o corpo. Mercê da sua coragem evitou a morte de uma criança, concedendo-lhe o Ministério do Reino, como galardão, uma carta na qual D. Carlos elogiava e louvava «o homem que tal acto praticara».

Efectuou o primeiro salvamento no Porto há cerca de cinquenta e cinco anos. Depois de licenciado na Armada alistou-se na Capitania de Leixões afim de prosseguir a brilhante carreira que lhe deu legítimo direito ao usar do colar de *Cavaleiro* da «Ordem Militar da Tôrre e Espada» e outras honrosas condecorações nacionais e estrangeiras.

O naufrágio do cruzador *S. Rafael* ocorrido em 21 de Outubro de 1911, à entrada de Vila do Conde, emocionou os portugueses. As péssimas condições de tempo faziam prever uma calamidade, participando no salvamento dos 183 oficiais e praças os salva-vidas de Leixões, das Cachinas e da Póvoa do Varzim. Acima de todos, durante oito horas angustiosas em que os salvadores se esforçaram por levar a esperança e a vida onde apenas parecia existir o desespero e a morte, José Rabumba distinguiu-se pelo seu exemplo, coragem e valentia, merecendo do capitão de mar e guerra José da Cunha e Lima, no seu relatório oficial, as seguintes palavras:

«...*é raro ver reunidos num mesmo indivíduo, saber completo, coragem, abnegação, energia, decisão e o condão especial de se fazer obedecer cegamente pela tripulação que o acompanha. Este «patrão» aproximando se do S. Rafael, em volta do qual a rebentação era alterosa, e tendo a certeza de que uma vez largo o reboque e aproximado do cruzador não mais poderia voltar ao pé da rebocada, devido à fôrça do mar e do vento, não vacilou um momento. Largou o reboque, foi direito ao cruzador, e procurando um pouco de abrigo do costado, começou o salvamento, repetidas vezes interrompido pelas vagas grandes que cobriam toda a popa do S. Rafael.*

O relato terminava assim:

«*Se êste patrão tivesse vacilado um só momento e não se chegasse ao S. Rafael, os outros barcos salva-vidas fariam o mesmo, pois não creio que houvesse alguém que tentasse essa arriscada emprêsa, vendo recuar êsse homem tão experimentado*».

Enquanto os *patrões* dos restantes salva-vidas recolheram, depois do seu exemplo, apenas 54 homens, o José Rabumba salvou 129 em diversas sortidas.

A carreira arriscada mas gloriosa do José Rabumba, *o Aveiro*, era daquelas que causavam admiração. Do paquete *Varonese*, encalhado na Boa Nova, na madrugada de 16 de Janeiro de 1913 recolheu cinquenta e dois náufragos e do vapor inglês *Silurian*, encalhado na praia de Angeiras na manhã de 12 de Dezembro de 1914, salvou os seus trinta tripulantes. Mas o salvamento mais audacioso e arriscado foi o dos tripulantes do lugre dinamarquês *Felix*, naufragado na praia de Matozinhos em 3 de Fevereiro de 1922. O mar estava tão revolto que, depois de recolhidos os náufragos, o salva-vidas não pôde regressar ao porto de Leixões. Manobrando com perícia, o José Rabumba encalhou o salva-vidas na praia para o levar a «crista» duma onda. Quem assistia, de terra, ao decorrer das manobras, via perdidas as esperanças e impossível o regresso do pequeno barco. Para compensar mais êste acto heroico, o Govêrno da República, por decreto de 30 de Junho daquele ano, galardoou *o Aveiro* com o grau de *Cavaleiro da Ordem Militar da Tôrre e Espada.*

Os anos foram decorrendo e, na manhã de 3 de Fevereiro de 1929, tentou recolher, na qualidade de *patrão* do salva-vidas *Porto* os náufragos do vapor alemão *Deister*. Arrostou com o temporal na barra do Douro, chegando a vaga a *varrer*, por duas vezes, o salva-vidas.

Na tarde de 12 de Maio de 1929 —também à entrada da barra do Douro — encalhou o vapor alemão *Gauss*. Ao pretenderem socorrer os náufragos, voltaram-se dois salva-vidas, sendo um deles — o *Carvalho de Araújo* — comandado por *o Aveiro*, que, ao demonstrar, mais uma vez, a sua bravura e o seu desinteresse pela vida, ia sendo vítima da revolta dos elementos. O mar virou-lhe a embarcação, alguns dos companheiros morreram e êle, quando três pescadores da Afurada o recolheram, estava lívido, sem fôrças, quási enregelado.

Por todos estes e por outros actos de igual ou equivalente valor que o jornalista omite devido à falta de espaço, foi justíssima—repetimos—a homenagem prestada ontem a José Rabumba, *o Aveiro*.

A sessão solene

Presidiu à sessão solene, em representação do titular da pasta da marinha, o seu chefe de gabinete sr. comandante Celestino Ramos, ladeado pelos srs. dr. Fernando Aroso, representante do chefe do distrito; general Joaquim Maria Neto, comandante da 1.ª Região Militar; comandante Manuel Botelho, capitão do porto de Leixões; Armando Sá Lima, vice presidente, em exercício, da Câmara Municipal de Matosinhos; visconde de Alijó, vereador da Câmara Municipal do Porto; comandante Rodrigues Coelho, do Departamento Marítimo do Norte; comandante Palma Lamy, inspector geral do Instituto de Socorros a Naufragos; dr. Sousa Pinto, da Administração dos Portos Douro-Leixões; coronel Laura Moreira, inspector dos incêndios de Matosinhos; Joaquim Pereira da Silva, presidente da Direcção dos Bombeiros Voluntários de Matosinhos-Leça; 1.º tenente Garcia Braga, capitão do pôrto da Póvoa de Varzim; presidente da Câmara Municipal de Aveiro; tenente Arriscado Nunes, representante da G. N. R.; tenente Candeias, representante da Guarda Fiscal etc.

Em lugares de honra sentaram-se os representantes das duas corporações de bombeiros de Aveiro, do Club dos Galitos e dos Bombeiros Voluntários de Ovar, S. Mamede de Infesta, Leixões, Póvoa do Varzim, Vila do Conde, Porto e Portuenses.

Ao lado do armador de pesca sr. Inocêncio Pinto Ramos (o «Rato»), antigo tripulante do salva-vidas, viase o heróico José Rabumba, *O Aveiro*, que, ao entrar na sala, foi alvo de calorosa e demorada ovação.

Em nome do sr. Ministro da Marinha, que não veio ao Norte devido a ter de assistir, com o Chefe do Estado, às regatas, efectuadas em Cascais, o sr. comandante Celestino Ramos declarou aberta a sessão.

Tomando a palavra, o capitão do porto de Leixões, sr. comandante Botelho, referiu-se ao significado da cerimónia. O seu discurso fê-lo em representação do posto local do Instituto de Socorros a Náufragos, organizador da homenagem, dirigindo-se, nos termos de mais franco elogio, a José Rabumba, heróica figura do mar que prestou serviços, durante quase nove lustros, como *patrão* do salva-vidas. O orador agradeceu a comparência das entidades oficiais, referiu-se aos altos serviços prestados à causa do humanitarismo pelo sr. coronel Laura Moreira e destacou a acção notável desenvolvida pela Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários Matosinhos-Leça, comunicando que o Instituto de Socorros a Náufragos resolveu condecorar os srs. coronel Laura Moreira, engenheiro Russo Belo, Cesário Joaquim dos Santos Bento e António Neves.

Ao terminar o seu discurso, o sr. comandante Manuel Botelho referiu-se, de novo, ao José Rabumba, participando à numerosa assistência: «A Câmara ao nomeá-lo cidadão honorário de Matosinhos, paga uma dívida de gratidão».

O comandante honorário dos Voluntários de Matosinhos-Leça, sr. coronel Laura Moreira, encarregado de descrever alguns dos principais «feitos» do homenageado, evocou ao auditório, numa linguagem simples mas impregnada de emoção, alguns naufrágios célebres nos quais tomou parte, como heróico salvador de vidas aquele velhinho humilde, simpático, que, apesar de ostentar ao peito o Colar da Torre e Espada, continua modesto, longe de vaidades porque—costuma repeti-lo frequentes vezes—tudo que fez foi no cumprimento do dever e por imperativo de coração.

Leu, também, a lista descriminatida de todas as condecorações portuguesas e estrangeiras que lhe foram oferecidas, concluindo:

Este homem tudo merece, como recompensa à sua audácia, coragem, abnegação e desprendimento pela vida—qualidades indispensáveis aos verdadeiros heróis.

O sr. dr. Martins de Almeida usou da palavra para fazer o elogio do homenageado. «Numa festa a um herói do mar—começou—as primeiras palavras devem ser para o representante do sr. Ministro da Marinha a quem peço para transmitir os meus cumprimentos que são, também, para a nobre Armada portuguesa». Depois recordou, com saudade, a festa efectuada há vinte cinco anos em homenagem ao Rabumba—e evocou-a com saudade porque, dos sete oradores oficiais dessa solenidade, apenas êle sobrevive. Para não falar de cada um dos que faleceram, lembrou, apenas, um deles: o dr. Leonardo Coimbra.

Em largos voos literáriss de verdadeiro orador, o sr. dr. Martins de Almeida cantou o mar, aludiu a alguns capítulos épicos da História Trágico-Marítimo, e completou o seu pensamento:

—Portugal tinha que ser uma terra de herois porque o seu destino era êsse—o mar—que consagrou o nosso povo como primeiro povo do Mundo.

E falando propriamente do homenageado:

—*o Aveiro* não tem estirpe a não ser aquela comum a todos nós: a portuguesa; e não tem outra biografia a não ser aquela que êle magistralmente escreveu em luta com os elementos da morte para arrancar vidas ao mar tempestuoso...

E como o homenageado é do povo, o sr. dr. Martins de Almeida glorificou com as suas palavras enriquecidas pelas ideias e estilo fluente, os anónimos que, através do tempo, são continuadores do melhor heroismo—daquele heroismo alicerçado no sacrifício.

O presidente da direcção da Sociedade de Recreio Artístico de Aveiro sr. Manuel Pires Soares; o representante do chefe do distrito sr. dr. Fernando Aroso e o presidente da Câmara Municipal de Aveiro saudaram *o Aveiro*, dirigindo-lhe palavras de muita simpatia e louvor.

O vice-presidente da Câmara Municipal de Matosinhos, em exercício, sr. Armando Sá Lima, pronunciou também um discurso de homenagem ao glorioso «patrão» do salva-vidas, denunciando:

—Num futuro próximo, em locais a escolher, serão erguidos, neste concelho, dois monumentos: um a António Nobre, que cantou os pescadores; outro a José Rabumba, *o Aveiro*.

A pedido do sr. Sá Lima, o representante do ministro da Marinha entregou, ao homenageado, o diploma de *cidadão honorário* da vila de Matosinhos.

No final da homenagem a José Rabumba, *o Aveiro*, e como complemento do programa elaborado, efectuou-se, junto do cais Norte, um simulacro de naufrágio, com «salvamento» pelo cabo «vai-vem».

A êste exercício de socorros a náufragos assistiram as entidades oficiais.

O Democrata, arquivando nas suas colunas o relato das significativas homenagens prestadas em Matosinhos a José Rabumba, com isso lhe demonstra como a elas se associou em espirito ao abraça-lo enternecidamente.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: no dia 13, a sr.ª D. Rosa Ferreira; em 14, a gentil Zélia das Neves Mónica, filha do sr. António Bolais Mónica, de S. Bernardo; a sr.ª D. Maria das Dores Maia, esposa do sr. Jaime Martins Lima, aspirante de Finanças em Monção, e os srs. dr. Pompeu Cardoso, médico especialista em doenças da bôca e dentes, e Amadeu Pinto dos Reis, 3.º oficial de Finanças na Guarda; em 15, o sr. Eugénio Pinheiro de Almeida, activo comerciante em Viana do Castelo; e em 16, a sr.ª D. Hermínia Ferro Baptista e o sr. Joaquim Pereira, residente em Braga.

Casamentos

Na Sé Catedral consorciou se a semana passada a menina Maria da Soledade Rodrigues da Silva Vieira, filha do sr. José Vieira da Silva, com o professor primário sr. José da Cruz Maia Capela, filho do sr. Carlos Capela, de S. Bernardo.

Aos nubentes, possuidores de apreciáveis dotes de coração e espírito, desejamos um futuro risonho.

Partidas e Chegadas

Estão em Aveiro, com suas famílias, a sr.ª D. Isabel de Almeida Marcos Vilela, professora no concelho de Castro Daire e o sr. Victor Hugo Mendes Rebelo, professor no de Soure.

—Está cá, de visita, o nosso conterrâneo sr. dr. Evaristo Morais, residente na capital.

—Também estiveram nesta cidade os srs. tenente coronel de Engenharia José Afonso Lucas e gentil filha Maria Helena, residentes em Lisboa; Arlindo de Almeida, actualmente no Pôrto; João Simões Ferreira, escrivão em Estarreja, e Diamantino Simões Jorge, da Taipa.

Praias e Termas

Com suas famílias encontram-se na Costa Nova os srs. drs. António e José Cristo, advogados na comarca, e na Figueira da Foz, o sr. tenente-coronel Manuel Augusto de Melo Cabral, aqui residente.

—Do Pôrto foi passar o corrente mês a Espinho, juntamente com seu marido o sr. Artur José Pinto Júnior e filho, a nossa conterrânea sr.ª D. Maria da Luz M. Lima Pinto.

—Da praia do Farol retirou já para Viseu, acompanhado de sua família, o secretário do Govêrno Civil daquele distrito, sr. dr. Henrique Paz, que no nosso já desempenhou as mesmas funções.

Manutenção Militar

DELEGAÇÃO DE AVEIRO

Anúncio

Torna se público que, até às 15 horas do dia 18 do corrente mês, no quartel do Regimento de Cavalaria n.º 5, se recebem propostas, por escrito, para o fornecimento dos géneros e combustível abaixo designados, destinados ao rancho das praças dos Regimentos de Cavalaria n.º 5 e Infantaria n.º 10, para os próximos meses de Outubro e Novembro.

Cebola, carne de vaca, carneiro, cabeça de porco, feijão de todas as qualidades, grão de bico, hortaliça, vinho, toucinho, batata, sal e lenha.

As propostas serão abertas à hora acima indicada, procedendo-se em seguida à licitação verbal.

Aveiro, 7 de Setembro de 1948.

O Chefe da Delegação
ANTÓNIO PEDRO CARRETAS
Capitão

Anuncio

José da Silva Carneiro, maior, casado, professor do Liceu de Aveiro, residente nesta cidade, requereu, nos termos do art.º 262.º do Código do Registo Civil, autorização para mudar o seu nome para o de José Carneiro da Silva.

Convidam-se, por isso, quaisquer interessados, nessa alteração de nome, a deduzirem perante a Direcção Geral dos Serviços de Registo e do Notariado a oposição que tiverem por conveniente no praso máximo de 30 dias.

Conservatória do Registo Civil de Aveiro, 11 de Setembro de 1948.

O Conservador,
FERNANDO CALISTO MOREIRA

Fernando Moreira Lopes
Médico especialista
Doenças das crianças
CLÍNICA GERAL
Consultas: das 11 às 13 e das 16 às 18 h.
Consultório: R. José Estêvão, 39-1.º
Resid.: Av. Dr. L. Peixinho, 139 r/ch.
Telefone 387

Armas Belgas
MUITAS ARMAS
PISTOLAS F. N. cal. 6,35
Milhares de Balas F. N. cal. 6,35
Recebeu
A CRISOLITA DE
MANUEL AUGUSTO VELHO
R. Combatentes da G. Guerra, 64
TELEFONE 241
AVEIRO
O melhor sortido para caçadores

Terreno

muito bem situado, excelente para construção de habitação ou garage, com uma boa frente para a Rua Hintze Ribeiro, vende-se. Só se trata com o próprio, na Rua Nova do Canal, 94—AVEIRO.

Estabelecimento

Passa-se de mercearia e vinhos, no Forte da Barra. Falar com Germano Soares Lopes.

Moinho de Vento

Vende-se todo armado em ferro, com bomba de embulo. Dirigir a António da Costa Ferreira—AVEIRO.

Viajante

Precisa que conheça bem o distrito e dando fiador. Resposta a esta Redacção.

Roda de camionete

Encontrou-se na Gândara da Oliveirinha, entregando-se a quem provar pertencer-lhe, pagando êste anúncio. Aqui se informa.

Toneis

Vendem-se de boas madeiras e de diversas capacidades. Nesta Redacção se informa.

MIUDOS

O FÓSFORO DE MADEIRA PERFEITO

FOSFOREIRA PORTUGUÊSA

NAVAS

Não perca a oportunidade

Mande esvasiar o carter e enche-lo com o

Wakefield Patent CASTROL
(Motor Oil—Adequado)

Porque:

Desenvolve maior potência; Reduz o desgaste do cilindro; Evita os sedimentos; Reduz o depósito de carvão; Reduz o consumo de óleo; Torna menores e menos frequentes as contas de reparação; E é, além disso, um óleo fabricado por um processo especial, a coberto de uma patente mundial.

O óleo CASTROL está quimicamente fortificado

Agentes no concelho de Aveiro
MERCANTIL AVEIRENSE, L.DA
Rua João Mendonça, 19
AVEIRO

QUEREIS FAZER UMA CONSTRUÇÃO SEGURA E ECONÓMICA?

Dirigi-vos à **Fábrica Vouga-Sul, L.da**, na Estrada de Ilhavo (apartado 25) que lá encontrareis o melhor tijolo para as paredes do vosso prédio.
Consultai, pois, os produtos da nossa fábrica e vereis as vantagens que vos oferece.

Fotografia a côres naturais

Com a chegada do material «Ansco», qualquer amador fotográfico pode fazer um maravilhoso filme colorido.

Presta todos os esclarecimentos, o depositário exclusivo em Aveiro
HENRIQUE RAMOS — Rua Direita, 29 (Tel. 127) AVEIRO

Para casamentos
Para baptizados
Para dia d'anos
ou outra qualquer cerimónia, em que tenha de ser servido um
Copo de água
a única Pastelaria apta a satisfazer todas as suas exigências é a
Garrett de Aveiro
Rua da Arrochela, 29 — AVEIRO

Vende-se

o prédio da Rua de S. Martinho, onde esteve instalada a fábrica de sabão de Manuel Cristo e que faz frente, também, para a Rua das Olarias. Dirigir a Manuel Bernardo, na Rua de José Estêvão—AVEIRO.

Horário dos combóios

Partidas para o norte	Partidas para o sul
5,27 (correio)	0,24 (correio)
5,55 (tram.)	7,43 (tram.)
6,54 (mixto)	9,19 (rápido) [1]
8,05 (tram.)	11,13 (tram.)
12,56 (rápido)	12,18 (correio)
13,06 (tram.)	15,41 (tram.)
17,24 (tram.)	19,28 (rápido)
19,25 (correio)	21,50 (mixto)
20,39 (tram.)	Do Porto chegam tram. ás 19,03 e 21,07 que não seguem.
22,59 (rápido) [1]	

(1) Só se efectuam às terças, quintas-feiras e sábados.

Linha do Vale do Vouga

PARTIDAS	CHEGADAS
7,55	7,31
15,15	10,48
17,38	19,12
20	23

António Alla
Engenheiro civil
Rua Almirante Reis, 152 — AVEIRO
Rua Nove, n.º 477 (Tel. 405)—ESPINHO

Balcão e estantes

Vendem-se, de riga, envidraçados. Nesta Redacção se informa.

Camionete de aluguer

para qualquer parte do país, de 8400 quilos de carga, a preços médicos. Trata Ilídio Pires, da Ponte da Rata, e informa a firma *Bruno da Rocha & C.ª*, de Aveiro, (Tel. 150).

Doenças dos olhos
Operações
Artur S. Dias
MÉDICO
Consultas todos os dias úteis das 10 às 17 horas
PRAÇA Dr. MELO FREITAS
Telefone 255
AVEIRO

Companhia de seguros COMERCIO e INDUSTRIA
Sede em Lisboa: Rua do Arco da Bandeira, n.º 22
Fundo de Reserva: 70.000.000$00
Sinistros pagos em 1947: 18.481$00
Seguros em todos os ramos
Escritórios em Aveiro:
Avenida Dr. Lourenço Peixinho, n.º 239
(Próximo à Estação do Caminho de Ferro)
Agente-inspector — JOSÉ AUGUSTO DOS SANTOS

Os melhores espumantes naturais são os do

DOENÇAS DOS OLHOS
MÉDICOS
ABÍLIO JUSTIÇA
Especialisado pela Faculdade de Medicina de Paris
LEOVEGILDO DOS SANTOS ALBUQUERQUE
Médico Oftalmologista dos Hospitais da Universidade de Coimbra
Consultas das 10,5 às 13 e das 14,5 às 17 — COIMBRA — R. Visconde da Luz, 8-2.º Telefone n.º 3629

RAIOS X
Dr. Guedes Pinto e Dr. António Peixinho
Radiodiagnóstico—Radiografias ao domicilio
CONSULTAS DAS 14 ÁS 17 HORAS NA R. JOSÉ RABUMBA (TEL. 16)

NECROLOGIA

Finou-se sexta-feira da semana passada, sendo sepultado no dia seguinte; no cemitério central, o sr. Joaquim Nogueira, que durante alguns anos chefiou a estação do caminho de ferro desta cidade, aonde continuou a residir depois de reformado.

Natural de Souzelas, era viúvo, pai do sr. Ilídio Nogueira, sogro dos srs. João Henriques de Carvalho Júnior, Alberto de Lima e Castro Ruela e Júlio Eduardo de Almeida, contando agora 78 anos.

Aos doridos, as nosssas condolências.

* * *

Uma grave enfermidade vitimou, no domingo, com 41 anos, o barbeiro Francisco dos Santos Pinheiro, natural de Pinhel.

Era casado, deixou três filhos, e o seu cadáver recebeu sepultura no cemitério sul.

* * *

Em S. Jacinto também há pouco acabou os seus dias o velho Francisco Peixinho, que ali vivia na companhia de seu filho Zacarias.

Tinha 83 anos, tendo-se distinguido noutros tempos, como amador, na arte de tourear, participando em algumas corridas.

Era uma figura curiosa da nossa Beira-Mar este *Chico Peixinho*, como era mais conhecido.

Que descance em paz.

* * *

Faleceram mais: nesta cidade, Rosa da Naia Roque, de 60 anos, casada com Joaquim do Roque e Maria Rosa Ferreira, viúva, de 88, sogra do artista gráfico sr. José Maria dos Santos; em *S. Bernardo*, Grabriel da Silva Valente, casado, de 64, pai do funcionário dos correios sr. Manuel da Silva Valente; na *Forca*, Maria do Carmo Gonçalves Vieira, de 28, casada com Manuel Couto Mano, e em *Vercemilho*, Maria dos Prazeres, viúva, de 78.

Correspondências

Esgueira, 8

Activam-se es preparativos para as grandiosas festas a realizar nos dias 18, 19 e 20 em honra da Senhora do Rosário, estando contratadas quatro bandas de música — a dos Bombeiros Guilherme G. Fernandes, a Ilhavense, a de Casal d'Alvaro e a Vouzelense, de Vouzela.

São aqui esperados muitos conterrâneos nossos, ausentes em vários pontos do país.

—Encontra-se retido no leito, com a saúde um pouco abalada, o nosso ilustre conterrâneo sr. dr. Anselmo Taborda, juiz de Direito na capital.

— Completamente restabelecida regressou do Caramulo a esposa do sr. Américo Capela.

Desejamos o seu restabelecimento.

—Em Cantanhede, onde está estabelelecido, foi há dias operado o sr. João Nunes dos Santos que estimamos entre breve em convalescença.

C.

Oliveirinha, 9

Temos à porta a festividade da Senhora dos Remédios, que se realisa no domingo e para a qual o nosso povo costuma concorrer de modo a imprimir-lhe o brilho de que se faz revestir. Além do culto interno, com procissão, haverá arraial e os divertimentos do costume durante a noite assim como no dia seguinte, consagrado à *limpeza dos armários*...

—Com 80 anos de idade faleceu na madrugada de segunda-feira a sr.ª Maria Neves Pachão, viúva de Manuel Simões Pachão, que deixa seis filhos: Helena, Annunciação, Laurinda, Maria, Manuel e José Simões Pachão, êste ausente na América do Norte.

Vitimou-a uma hemorragia cerebral, sendo o seu funeral assaz concorrido.

C.

N. da R.—Apresentamos à família enlutada os nossos pêsames, mas especialmente a José Pachão, nosso muito presado amigo, a quem acompanhamos no rude golpe que acada de sofrer.

A Cuba, amada e odiada dos Deuses

Quando Colón descobriu esta ilha a 28 de Outubro de 1492, chamou-a «Juana», mas alguns anos depois Velásquez mudou êste nome em «Fernandina», até que a final de contas a chamaram «Cuba». Parece que êste nome provém da palavra «Cubagua», o que quer dizer: «lugar onde se acha ouro». Por ter encontrado ouro na ilha, creram que a Cuba era rica em ouro, mas depois resultou que êste metal só se encontrava em pequenas quantidades. Mas antes de ser descoberta por Colón, a Cuba já tinha nome. Os Indios chamaram-na então: «a ilha mais amada e mais odiada dos deuses».

Amada: disto dá testemunho claro a fertilidade que faz da ilha um dos países mais abundantes em açucar do mundo, ainda que só tenha uma superfície de uns 114.000 kilómetros quadrados. Ceifam-se duas vezes por ano. Com o açucar devemos mencionar o tabaco. Os que entendem de charutos sempre preferirão os de Habana. Além disso a Cuba produz café, cacau, ananaz, algodão, côco, arroz, banana, minerais e petróleo.

Odiada: isto resulta do facto de que êste território, mais que a maioria dos demais países, sofre de transtornos atmosféricos como terramotos, trovoadas e furacões; muitas vezes o ar está carregado de electricidade. Há de ajuntar a isso que o litoral era conhecido por ser um foco de infecção da malária. Graças à drenagem dalguns pantanos, mas sôbre tudo pela introdução dum consumo geral de quinina na Cuba, esta ilha tem perdido algo da sua má reputação. As autoridades fazem quanto podem para se cumplirem ás prescrições da Comissão muito competente de Malária da antiga Liga das Nações. Esta Comissão recomenda a título de profilaxia uma dose diária de 400 mgr. durante todo o tempo que dura a doença e alguns dias depois, para o tratamento prescreve a aplicação diária de 1-1,3 gramas de quinina durante 5-7 dias.

Lá — o mesmo que em todas as partes — a malária não continua a ser nenhuma catástrofe inevitável. Contra os furacões e terramotos, porém, não tem encontrado remédios ainda, de maneira que estes são o inconveniente desta ilha tão formosa com os seus recifes coralinos, palmares romãnticos e... charutos excelentes!

«O Democrata»

ASSINATURAS

(Pagamento adiantado)

Portugal (Ano)	30$00
Semestre	15$00
Colónias (Ano)	35$00
Estrangeiro (Ano)	40$00
Número avulso	$60

ANÚNCIOS

Mais duma publicação, contrato especial.